



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

MAURICIO AUGUSTO DOS SANTOS DE ANDRADE

**A RELEVÂNCIA DO CIBERESPAÇO NA POLÍTICA MUNDIAL: a capacidade dos
Speech acts na terceira camada do poder**

BRASÍLIA

2022

MAURICIO AUGUSTO DOS SANTOS DE ANDRADE

**A RELEVÂNCIA DO CIBERESPAÇO NA POLÍTICA MUNDIAL: a capacidade dos
Speech acts na terceira camada do poder**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Lucas Soares Portela

BRASÍLIA

2022

MAURICIO AUGUSTO DOS SANTOS DE ANDRADE

**A RELEVÂNCIA DO CIBERESPAÇO NA POLÍTICA MUNDIAL: a capacidade dos
Speech acts na terceira camada do poder**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais pela Faculdade de Ciências
Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Lucas Soares Portela

BRASÍLIA, ____ DE _____ 2022

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram durante essa jornada. Agradeço a Deus, a nossa senhora, e a minha família.

RESUMO

Este trabalho, que tem como tema a relevância do ciberespaço na política mundial, foca na capacidade dos *speech acts* na terceira face do poder. Ademais, analisar-se-ão, também, estudos de caso comprobatórios da utilização do ato de fala na manipulação de indivíduos, de tal forma que demonstra como atores não estatais e estatais conseguem utilizar este meio. A título de exemplo, vale citar o escândalo Facebook-Cambridge Analytica, a *Operation Infektion* e o *Pizzagate*. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é descrever como ocorreram estas manipulações através do espaço virtual, que resultaram em interferências antidemocráticas em certos países. Dessa maneira, é possível entender como um grupo de pessoas, ou até um único indivíduo, conseguiria manipular a população de um Estado. Além disso, esta monografia contribui ao expor a relevância desse tema tanto para os internacionalistas e acadêmicos políticos como para a sociedade em geral, a qual está exposta ao risco dessa manipulação. Isto posto, o método utilizado foi a revisão bibliográfica de Relações Internacionais, principalmente os textos e as ideias de Joseph Nye e Nicholas Onuf, bem como também a utilização de matérias, reportagens e artigos jornalísticos que descreveram os eventos supracitados.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Ciberespaço; Terceira camada do poder; *Speech acts*; Processos Antidemocráticos.

ABSTRACT

This work, which theme is the relevance of cyberspace in world politics, focuses on the ability of the speech acts in the third face of power. Moreover, case studies supporting the utilization of speech acts in the deceit of individuals, demonstrating the employment of this feature by state and non-state actors, will be analyzed. By way of illustration, it is worth mentioning the Facebook-Cambridge Analytica scandal, the Operation Infektion and the Pizzagate. Thus, the objective of this work is to describe how these manipulations took place through virtual space, which resulted in anti-democratic interference in some countries. Hence, the understanding of how a group of people, or even a single individual, is able to manipulate the population of a whole country is feasible.. Furthermore, this monograph plays a part in the unveiling of the relevance of the theme both for internationalists and political studies scholars as well as the entire society, which is exposed to the risk of this manipulation. By all means, the method adopted was the bibliographic review of International Relations, mainly the written work and the ideas of Joseph Nye and Nicholas Onuf, as well as the utilization of articles, reports and journalistic productions that described the events previously mentioned.

Keywords: International Relations; Cyberspace; Third layer of power; Speech acts; Undemocratic processes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, minha mãe, minha tia e aos demais familiares que me acompanharam e me apoiaram nesta jornada acadêmica.

A minha eterna gratidão aos meus professores, em especial, professor Oscar Medeiros Filho, professora Fernanda de Medeiros, professora Raquel Marinucci, professora Patricia Alves e ao professor Lucas Soares Portela, meu orientador que me ajudou durante, não apenas o processo de escrita deste trabalho, mas toda a graduação. Muito obrigado a todos os citados, vocês me ensinaram o real significado da palavra professor.

Aos meus amigos que sempre me deram apoio moral, foram minhas companhias em momentos difíceis e nunca deixaram perder o ânimo durante todo o curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ABORDAGENS TEÓRICAS DA CAPACIDADE DE INFLUÊNCIA	9
1.1 O Xadrez Tridimensional e sua última camada	11
1.2 <i>Speech Acts</i>	13
2 A REVOLUÇÃO DA INFORMAÇÃO E A MANIPULAÇÃO	17
2.1 Espaço Virtual e a capacidade de manipulação	18
2.2 As Ferramentas Digitais da capacidade de manipulação	21
2.2.1 A ferramenta de guerra psicológica de Steve Bannon	21
2.3 O Estado e a guerra de informações	23
3 OS PROCESSOS ANTIDEMOCRÁTICOS E O PODER DO ATO DE FALA	26
3.1 Escândalo Facebook-Cambridge Analytica	26
3.2 <i>Operation Infektion</i> e a herança da doutrina Soviética	32
3.3 <i>Pizzagate</i> o sucessor da <i>Operation Infektion</i> ?	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Este presente trabalho, que tem como tema a relevância do ciberespaço na política mundial, com foco na capacidade dos *Speech acts* na terceira face do poder, busca entender como é possível um grupo de pessoas, ou até um único indivíduo, conseguir manipular a população de um estado. Além disso, é também apresentado como países também se utilizam dessa estratégia de manipulação a outras nações.

Para realização deste trabalho, foram utilizados artigos e textos acadêmicos, tanto específicos de ciberpolítica como de política internacional em geral. Além de ser recorrentemente utilizado matérias jornalísticas para a contextualização dos eventos e exemplificação das teorias. Na primeira parte é levantado as abordagens teóricas que serão utilizadas de base acadêmica para a realização deste trabalho. É apresentado as ideias centrais do liberalismo institucional de Joseph Nye e o seu xadrez tridimensional do poder, com o foco na última camada. O segundo autor abordado no primeiro capítulo é acadêmico construtivista Nicholas Onuf, e a sua ideia dos *speech acts*. O segundo capítulo discorre sobre como é possível, tanto atores estatais como atores não estatais, conseguirem realizar essa manipulação nas pessoas. Também será abordado a revolução da informação, segundo Nye, e como ela possibilitou um aumento significativo no poder da capacidade dos *speech acts* serem utilizados para esse fim.

Por último, serão realizados estudos de casos para a concretização das ideias apresentadas nos dois primeiros capítulos. O primeiro deles sendo o escândalo Facebook-Cambridge Analytica, e como uma empresa conseguiu interferir em várias eleições democráticas de diversos países, incluindo a eleição presidencial dos Estados Unidos de 2016. O segundo estudo descreve a *Operation Infektion* realizada pelos soviéticos, e como ela criou uma metodologia de doutrina de desinformação, que ainda é utilizada nos tempos modernos, como no caso *Pizzagate* e suas possíveis ligações.

1 ABORDAGENS TEÓRICAS DA CAPACIDADE DE INFLUÊNCIA

Os estudos clássicos de Relações Internacionais que tinham como base os interesses nas áreas militares e econômicas dos Estados conseguiram explicar os acontecimentos durante boa parte do século XX, porém com o fim da Guerra Fria, eventualidades que ocorriam no cenário mundial possuíam novos aspectos que não cabiam nas alçadas desses estudos (SMOUTS, 2004). Com a chegada do novo século, essas ocorrências só se intensificam, principalmente com a popularização e ampliação do acesso à internet, a grande mídia do século XXI.

A professora de Relações Internacionais Raquel Marinucci (2008), trouxe um ensaio apontando a falta de estudos abordando o papel da mídia nas relações internacionais, ao qual se incluía o espaço da internet. Segundo ela, uma das possíveis razões seria a visão de coadjuvante que boa parte das Teorias Internacionalista davam a mídia. No mesmo ano, Nicholas Westcott publica um *Research Report* sobre a diplomacia digital e os impactos nas relações internacionais, em que aponta uma profunda interferência da internet nas ações tomadas pelos Estados na política.

Isso porque ela multiplica e amplifica o número de vozes e interesses envolvidos na formulação de política internacional (WESTCOTT, 2008). Enquanto Marinucci apontava o fato da indiferença das Teorias de Relações Internacionais sobre as mídias a sua força, Westcott (2008) mostrava na prática como a internet, a grande mídia do século XXI, já era uma grande influência no cenário internacional.

Em um dos seus capítulos, Raquel (2008, p. 45-46) descreve a ideia de Wendzel (1985), em que a mídia é vista como um grande meio de *soft power*. O autor escreveu seu texto durante a Guerra Fria, e acreditava que os meios de comunicação serviam como propaganda para a captação de apoio político das massas. Em suas ideias, Wendzel possuía o Estado como ente central e a segurança como o principal objeto.

Na sua concepção, a relevância da comunicação estaria na crescente utilização e preocupação dos governos com seus departamentos de propaganda. Para ele, portanto, a mídia, através de meios variados, serve como ‘arma’ (expressão usada pelo autor) de propagação das ideias de um país... A comunicação é uma peça importante no arsenal do formulador de política. (WENDZEL apud MARINUCCI, 2008, p. 46).

Sem a interferência de certas ferramentas da mídia, é impensável imaginar a vida cotidiana. Ela entrou e mudou a relação entre os indivíduos, mudou a nossa percepção do

tempo, mudou a nossa relação com o espaço, seja através da TV, do jornal, do cinema, do rádio, da Internet, e esses citados sendo apenas os mais “tradicionais”, possuindo vários outros tipos de mídias que influenciam o cotidiano. (MARINUCCI, 2008). Essas interferências, mesmo que não notadas pelos indivíduos no dia a dia, têm a capacidade de alterar opiniões e comportamentos

O grande espaço de mídia a ser destacada no século XXI, que se tornou durante esse período um poderoso meio de influência da atualidade, a Internet, vem sendo um dos palcos principais do debate político no mundo inteiro. Politicamente, a internet tem sido espaço privilegiado para o desempenho político de atores não estatais em plataformas online e redes sociais como o Twitter e Facebook, graças a isso movimentos (feminista, negro, LGBTQ+...) e organizações (Anonymous, Greenpeace, Daesh...), obtêm mais influência e com isso mais adeptos aos seus ideais. (CARVALHO; SANTOS, 2017).

Estudos da internet na política internacional e seus efeitos, já possui algumas décadas de textos acadêmicos. Nazli Choucri, no ano de 2000, já publicava na renomada *International Political Science Review*, um estudo de introdução à CiberPolítica nas relações Internacionais. O artigo tinha como objetivo apresentar os novos desafios e oportunidades que iriam surgir, a partir das novas tecnologias que o novo milênio permitiria os indivíduos a desfrutarem, a principal delas, a internet. (CHOUCRI, 2000).

As implicações para a ciência política dizem respeito ao uso de tecnologias eletrônicas para fins de comunicação, participação e decisão. Esta definição pressupõe a existência e operação de infraestrutura significativas que permitem padrões e modalidades de utilização, geridos por normas em evolução. De muitas maneiras, o ciberespaço poderia constituir um grande equalizador – no sentido de reduzir as barreiras à entrada e aumentar o empoderamento das pessoas por meio de uma capacidade aprimorada de expressar pontos de vista, contendas ou simples reflexões. As vozes agora podem ser ouvidas com mais facilidade. (CHOUCRI, 2000 p.244)

A interferência de atores não estatais em Estados, com a utilização do espaço cibernético, vem se tornando cada vez mais constante durante as últimas décadas. Vários exemplos dessas interseções estão disponíveis, tais como: a Primavera Árabe, as inúmeras interferências da Anonymous, os dados divulgados pelo Wikileaks, dentre vários outros casos. Todavia, foi o escândalo da empresa Britânica Cambridge Analytica, que conseguiu colocar em xeque todo o processo eleitoral de potências mundiais, como os Estados Unidos e o Reino Unido, que reacendeu o debate da relevância dos atores não estatais, principalmente dentro do ciberespaço

1.1 O XADREZ TRIDIMENSIONAL E SUA ÚLTIMA CAMADA

Joseph Nye (2002), no início do novo milênio, já analisava e comentava sobre o poder dos atores não estatais e a influência da internet. Em um primeiro trabalho, não específico sobre o poder cibernético, mas direcionado ao entendimento da construção de uma agenda internacional, o autor propôs uma alegoria para compreensão das dinâmicas da política internacional em prol do poder, por meio de um tabuleiro de xadrez. De acordo com ele, esse tabuleiro, diferente dos tradicionais, era composto por três níveis, onde cada nível era destinado a uma temática e jogado por atores específicos, conforme figura ilustrativa abaixo:

FIGURA 1.1 - Alegoria do Tabuleiro de Nye JR.



Fonte: Elaboração baseada em Nye Jr (2002).

A título de explicação, o primeiro tabuleiro é destinado ao tema militar, onde o jogo das grandes potências acontece. Tabuleiro intermediário seria o econômico, onde tanto grandes potências quanto outros Estados atuam. Ainda nesse modelo, o autor afirmava que na terceira camada do xadrez tridimensional das relações internacionais, os governos não teriam parte do controle sobre a informação em suas próprias sociedades.

Como anteriormente dito, as Teorias de Relações Internacionais clássicas, que se baseavam apenas no Estado como único e exclusivo ator de política internacional, não se sustentam no mundo atual, principalmente após a virada do milênio. Novos atores não estatais tomaram um grande papel nas ações e no debate de política no cenário internacional.

O neoliberalismo institucional surgiu como resposta à teoria realista e seus déficits, principalmente a falta de explicações sobre os atores não estatais que estavam cada vez mais ganhando relevância e influência, ou seja, poder na política internacional. Nos anos 70, em plena Guerra Fria, Robert O. Keohane e Joseph S. Nye (1988), escrevem o livro o “Poder e Interdependência” que aborda a ideia das várias dimensões e não exclusivamente a segurança dos Estados que o poder internacional traz.

Como seria o mundo se três pressupostos básicos do realismo fossem invertidos. Esses pressupostos são que os estados são os únicos protagonistas importantes, a força militar é o instrumento dominante e a segurança é a meta dominante. Ao contrário, podemos postular uma política mundial muito diferente: 1) os estados não são os únicos protagonistas importantes – protagonistas transnacionais atuando através das fronteiras de estados são os maiores agentes; 2) a força não é o único instrumento importante – a manipulação econômica e o uso de instituições internacionais são os instrumentos dominantes; e 3) a segurança não é a meta dominante – a guerra é a meta dominante. Podemos rotular esse mundo antirrealista de interdependência complexa. (KEOHANE; NYE, 1988, p. 264).

Um dos principais autores dessa corrente, Joseph Nye, explica como o poder se desenvolve no âmbito da política internacional, descrevendo o cenário com uma analogia a um tabuleiro de xadrez tridimensional, possuindo três camadas, com cada uma delas contendo atores, estruturas e formas de organizações diferentes.

A primeira camada, ou camada superior, estão relacionadas aos problemas bélicos dos Estados e, até certo ponto, todos os campos de problemas militares, diretos ou indiretos, podem ser entendidos como envolvendo as ações das camadas superiores. Do mesmo modo como o hard power, essa camada não se limita ao ato de guerra em si. A intervenção militar é considerada um último recurso no campo da guerra, outras ferramentas são utilizadas até que haja a urgência do uso efetivo da força.

Nela, Nye trata o Estado como o único ator, visto que é ele quem possui capacidade bélica suficiente para subjugar outros atores. Nessa camada, dentre os Estados, os principais a serem destacados são aqueles com poderio militar nuclear, porém o autor destaca os Estados Unidos como único que realmente pertence a essa camada, por causa da sua capacidade de armas nucleares de alcance intercontinental, podendo assim subjugar qualquer outro estado, independentemente da sua localização geográfica.

A segunda camada, ou intermediária, corresponde ao escopo econômico. A organização financeira mundial, em que os países estão conectados uns aos outros através de

suas economias, com participação de atores não estatais, como empresas multinacionais ou nacionais e organizações financeiras internacionais (FMI, Banco Mundial...). Os atores principais nessa camada ainda permanecem os países, destacando-se os Estados Unidos, porém diferentemente da primeira camada, essa não se resume unilateralmente, ou seja, possui diversos outros atores. Uma questão importante que define um jogador nesse nível é a capacidade do ator de expressar esses valores financeiros totais em investimentos que o traga vantagens de alguma forma.

A camada inferior, ou última camada, é a parte mais abstrata do tabuleiro, e o espaço que se passa este presente trabalho. Nesta parte, a eficácia transcende as fronteiras das nações e é onde acontecem as relações transnacionais. Nesse nível, o poder não se limita ao Estado, os atores não-estatais também se articulam dentro desta camada. É nessa camada que as ideologias, culturas e problemas sociais são tratados. Joseph Nye descreve como o Soft Power é utilizado por atores na camada inferior, como forma de ganho de poder, incluindo atores não estatais, que também possuem essa capacidade.

Essa camada é a que mais se distingue das outras duas, pois ela permite que o estado perca o monopólio da influência e relevância. Nesse estágio de análise de poder, atores não estatais conseguem assumir o papel de protagonista interferindo de forma direta ou indireta na política internacional, através por exemplo das mídias, como citado anteriormente. Na terceira camada do xadrez tridimensional das relações internacionais, os governos não teriam parte do controle sobre a informação em suas próprias sociedades (NYE, 2002, p.80). É justamente essa falta de um domínio central que resulta nos conflitos que serão abordados futuramente neste artigo.

O ciberespaço se tornou um grande ampliador da camada inferior pela sua capacidade de ampliação dos atores. Dentro da última camada, através do espaço virtual, atores não estatais ganharam extrema relevância, principalmente no novo milênio, com manifestações, ataques, reivindicações, lutas e etc.

1.2 *SPEECH ACTS*

As Relações Internacionais passaram por três grandes debates: o primeiro deles sendo realistas contra os idealistas, o segundo passando por estudiosos das "relações internacionais científicas" versus aqueles que seguiam teorias mais históricas e interpretativas das relações internacionais e por último um terceiro grande debate entre os racionalistas e os reflexivistas. E justamente neste terceiro debate que surge a teoria construtivista.

Embora Nye, ao construir seu tabuleiro, não tenha tido ambições de testagem das ideias dentro dos demais contextos teóricos, tal comparação é possível sem prejuízo de qualidade analítica, mas apenas como um exercício de compreensão didática da proposição. Isso, inclusive, possibilita a compreensão da opção pelo construtivismo. Assim colocado, a conexão da teoria do Nye dentro de outros escopos teóricos pode ser apreciada abaixo:

Quadro 1.2 - Perspectiva teórica comparada do Tabuleiro de Joseph Nye Jr.

Teoria	Ideias	Utilização
<p>Liberalismo Institucional</p>	<p>Os estados não são os únicos protagonistas importantes – protagonistas transnacionais atuando através das fronteiras de estados são os maiores agentes</p> <p>A força não é o único instrumento importante – a manipulação econômica e o uso de instituições internacionais são os instrumentos dominantes</p> <p>A segurança não é a meta dominante – a guerra é a meta dominante. Podemos rotular esse mundo antirrealista de interdependência complexa.</p>	<p>A terceira camada do poder permite que atores não estatais assumam o papel de protagonista.</p> <p>Na terceira camada do xadrez tridimensional das relações internacionais, os governos não teriam parte do controle sobre a informação em suas próprias sociedades</p>
<p>Construtivismo</p>	<p>A teoria construtivista pressupõe que os seres humanos criam a sociedade, e que a sociedade cria as pessoas. Isso é um contínuo processo de mão-dupla</p> <p>As regras tornam os seres humanos agentes, dando-lhes a oportunidade de agir no mundo. As regras informam aos agentes como as coisas funcionam e o que devem fazer, razão pela qual constroem essa ponte entre os indivíduos e a sociedade</p>	<p>Os oradores podem se utilizar dos <i>Speech acts</i>, como ferramenta de manipulação, através de narrativas que estejam alinhadas com as convicções dos ouvintes, para se beneficiar.</p> <p>Foi justamente a internet como ferramenta e espaço que permitiu os atos de fala, atingirem quantidades de pessoas jamais vistas, como veremos no decorrer deste artigo.</p>

Fonte: Elaboração própria baseada em Nye (2002).

O Construtivismo das Relações Internacionais nasce em 1989, com Nicholas Onuf e sua obra “World of Our” sendo posteriormente aprofundada por Alexander Wendt em 1992, com “Anarchy is What States Make of It”. Uma das bases dessa teoria, se dá por meio do

mundo em que vivemos, somos nós quem construímos e que ele é produto de nossas escolhas.

“A teoria construtivista pressupõe que os seres humanos criam a sociedade, e que a sociedade cria as pessoas. Trata-se de um constante procedimento de mão-dupla” (ONUF, 1998, p.59). Para Onuf, o linguajar exibe-se como base, como mais um componente na construção da análise das Relações Internacionais. Segundo a lógica construtivista, a linguagem interfere no processo constitutivo dos atores e suas inter-relações, pois a forma como o mundo é retratado só pode ter sentido por meio da linguagem.

Construtivistas como Onuf acreditam que as regras tornam os seres humanos agentes, dando-lhes a oportunidade de agir no mundo. As regras informam aos agentes como as coisas funcionam e o que devem fazer, razão pela qual constroem essa ponte entre os indivíduos e a sociedade (ONUF, 1998).

Baseado na abordagem construtivista, Onuf traz a ideia do ato de fala e sua capacidade de “criar o mundo”. Através dos atos de falas que as ações começam a ser concretizadas e por decorrência disso os acontecimentos surgem, ou seja, segundo ele é o *Speech acts* é falar de uma maneira que leve alguém a agir

Segundo Onuf, há três categorias fundamentais de atos de fala: assertivos, diretivos e comissivos. Os atos de fala provocam os oradores a conseguir atingir os seus propósitos através de suas consequências sobre os outros, esses atos são necessariamente sociais. Os *Speech acts* assertivos solicitam a aqueles que estão ouvindo que aceitem seu conteúdo propositalmente, nessa categoria a rejeição limita seus efeitos sobre o estado do mundo. As diretivas, por outro lado, farão o público aceitar a tarefa instruída como sua; recusar ou ignorar a ordem frustrará os esforços do orador para mudar o mundo. E por último a categoria de comissários pedem ao público que aceitem a intenção do orador de mudar o mundo; recusar ou ignorar os comissários não frustrava o orador, mas os liberta de uma possível obrigação de mudar o mundo. (ONUF, 2001 p. 120)

O *Speech acts* possui o poder de formular, moldar e construir, opiniões, ideias e sentimentos dentro das pessoas, através de narrativas, por exemplo. Essa capacidade é de extrema importância, pois ela significa a competência de gerar ações e reações dessas pessoas.

Os Atos de falas podem ser considerados uma mão-dupla, se por um lado você tem a capacidade de “criar mundos” através deles, como descreve Onuf, isso também significa que oradores podem se utilizar dos *Speech acts*, como ferramenta de manipulação, através de narrativas que estejam alinhadas com as convicções dos ouvintes, para se beneficiar.

Localizados na mente dos agentes, os compromissos são crenças sobre as quais esses agentes estão preparados para agir, por convicções. Quanto mais fortes forem essas crenças, maior será sua força normativa. Eles também são instrumentos disponíveis para muitos usos. Os agentes podem adequar esses instrumentos às circunstâncias tornando-os mais ou menos firmes ou inclusivos, ou expressando-os com mais ou menos clareza ou intensidade. É difícil imaginar políticas com as quais os agentes não estejam comprometidos, pelo menos em alguma medida. (ONUF, 2002, p.118)

Essa capacidade de manipulação se torna cada vez mais poderosa dependendo do número de pessoas que o *Speech acts* consiga atingir. Em outras palavras, uma ferramenta que possibilite a divulgação em massa de um ato de fala, que tenha como objetivo criar uma narrativa, seja ela verdadeira ou falsa, tornaria os *Speech acts* ainda mais poderosos. E foi justamente a internet como ferramenta e espaço que permitiu os atos de fala, atingirem quantidades de pessoas jamais vistas, como veremos no decorrer desta monografia.

2 A REVOLUÇÃO DA INFORMAÇÃO E A MANIPULAÇÃO

A revolução da informação é abordada por Joseph Nye em seu livro de 2002, O Paradoxo do poder Americano, como uma grande transformação da sociedade e uma complexação da política mundial.

Nye previa em 2002 que os estados nações perdessem parte de suas exclusividades dentro do terceiro setor para outros atores. O massivo novo fluxo de informação, possibilitado pelo espaço virtual, permitiu com que organizações não estatais e grupos de indivíduos ganhem poder e relevância no cenário político.

Uma consequência política dos fluxos de informação através de novos meios de comunicação é já notória: os governos perderam parte do seu tradicional controle sobre a informação relativa às suas próprias sociedades. Em 2001, por exemplo, o governo indiano perdeu vários ministros e por pouco não caiu após relatos de corrupção terem surgido num site de notícias da internet. Escândalos outrora contidos com mais facilidades em Nova Deli provaram ser impossíveis de controlar. O Tehelka.com não apenas revelou a parte inferior da corrupção nas forças armadas indianas: ajudou igualmente a inflamar as controvérsias, servindo como fórum de discussão para leitores e políticos expressarem as suas opiniões (NYE, 2002, p. 71-72).

Esse novo fluxo de informações não apenas permitiu que novos atores ganhem poder, mas a capacidade massiva de conhecimentos, ideias, notícias e narrativas alcançarem milhares de pessoas em um curto período de tempo, possibilitando que os atos de falas de um indivíduo ou grupo alcançassem níveis internacionais rapidamente.

A manipulação através do *Speech acts*, com discursos, acusações, narrativas e etc. molda a sociedade em que vivemos, como as ideias que Onuf aborda. Essa capacidade de um grupo de pessoas ou algum indivíduo ter o poder de controlar outras pessoas através do ato fala, como já foi abordado neste presente artigo, transforma o cenário político, nacional ou internacional, e seus acontecimentos, em uma consequência direta do *Speech acts*, ou seja, todos os eventos políticos são resultados da construção das falas e ações dos indivíduos.

Sejam os discursos do Dr. Martin Luther King, que resultou em um avanço fundamental pela equidade racial nos Estados Unidos, ou os discursos preconceituosos e odiosos de Adolf Hitler, que tiveram consequências em um dos maiores genocídios da humanidade, a opinião popular resulta diretamente na construção da política. Portanto, aqueles que tiverem o poder de manipulá-la, terão a capacidade de moldar a sociedade.

As políticas não existem à parte das palavras que nós, como agentes, usamos para caracterizá-las. A este respeito, não importa se estamos agindo em

nosso próprio nome ou em nome de outros. As políticas só existem quando colocamos nossas intenções em palavras e estruturamos cursos de ação, ou planos, para alcançá-las. Podemos sempre formar planos sem comunicá-los a mais ninguém. Nesses casos, sempre podemos mudar nossos planos como acharmos melhor. Embora possamos nos referir aos nossos não ditos(ONUF, 2001 p.115).

Assim, a revolução da informação, e o seu novo fluxo massivo e veloz, possibilitou um aumento significativo no poder do *Speech acts*. O espaço virtual vem se tornando o principal meio de comunicação e informação da humanidade, portanto aqueles que possuem controle das narrativas presente nele, conseguem manipular o pensamento e as vontades da sociedade, de acordo com os seus interesses pessoais.

2.1 ESPAÇO VIRTUAL E A CAPACIDADE DE MANIPULAÇÃO

O tema sobre a capacidade de manipulação e a influência dentro do espaço cibernético tornou-se de profunda importância dentro do espaço político mundial. Baris Kirdemir apresenta em seu artigo de 2019, “*Hostile influence and emerging cognitive threats in Cyberspace*”, uma visão geral das ameaças de segurança mediadas por cibernética emergentes, bem como suas dinâmicas sociais e cognitivas subjacentes.

A desordem da informação moderna causa múltiplos desafios que vão além do chamado problema das “*fakes News*”. As campanhas de informação hostil mediadas por cibernéticos visam alterar o comportamento, as atitudes e a percepção da realidade nas sociedades visadas. Eles visam causar ou amplificar confusão, agitação social, polarização, ódio, extremismo violento e erosão da confiança. Além de ferramentas comuns, como a falsidade ou distorção de fatos, as campanhas manipuladoras se beneficiam de como as pessoas lidam com sua exposição a uma quantidade extrema de informações diariamente. (KIRDEMIR, 2019 p. 2)

A palavra desinformação vem sendo cada vez mais utilizada no dia a dia, principalmente após o grande aumento da expressão “*Fake News*”, e diante do cenário apontado aqui, é importante ressaltar o seu real significado. Segundo Kirdemir (2019, p. 3) desinformação é “a promoção deliberada de informações falsas, enganosas ou mal atribuídas em qualquer conteúdo ou contexto”.

O autor também argumenta que tanto os atores estatais quanto os não estatais usam novas tecnologias, plataformas de comunicação mediadas pela cibernética e a nova estrutura social para conduzir operações de influência hostil. Segundo ele, um conjunto diversificado

de atores, desde governos estrangeiros a agências terroristas e fraudadores, usam operações de informações mediadas por cibernética para diversos fins, incluindo ganhar influência política ou econômica.

Para Baris Kirdemir (2019), a desinformação e a manipulação social por meio de canais cibernéticos alteram os mecanismos sociais básicos e ameaçam as estruturas democráticas fundamentais. A polarização política, a radicalização e o extremismo violento estão agora parcialmente ligados à dinâmica informacional em todo o ciberespaço. No entanto, dada a transformação sistêmica em todo o ambiente de informação moderno, é provável que as campanhas manipuladoras hostis cresçam para níveis muito maiores. Portanto, o problema da manipulação sociocognitiva está além da desinformação e das *fake news*, pois ocorre em um ambiente de informação em rápida transformação e ameaça diretamente os pilares centrais das sociedades e sistemas políticos modernos.

Uma campanha de manipulação social utiliza diversas ferramentas, geralmente dentro de um contexto político-militar mais amplo, para influenciar a percepção da realidade do público-alvo. A avaliação da influência cognitiva está dentro da estrutura de eficácia e desempenho estratégico. De uma perspectiva político-militar, a transformação sociotecnológica pode facilitar reais “blitzkriegs de informação”, com potenciais implicações abrangentes para a geopolítica global... Operar nas dimensões informacional e cognitiva para alcançar objetivos políticos com uso mínimo ou nulo de força física tornou-se uma característica comum da política internacional (KIRDEMIR, 2019 p.3).

Um termo comumente utilizado na internet e na área da computação, o “*hacking*” possui sua definição original como uma pessoa que gosta de aprender os detalhes de sistemas de computador e como esticar suas capacidades, ao contrário da maioria dos usuários de computadores, que preferem aprender apenas o mínimo quantidade necessária, ou seja, estão dispostos a irem além da intuição, verificando como a relação sistema-pessoa funciona. Todavia, o seu uso ganhou um segundo significado mais famoso, “*hacking*” tornou-se atividades que buscam acessar, comprometer e manipular qualquer dispositivo digital, sendo eles computadores, smartphones, tablets e até mesmo redes inteiras

Kirdemir (2019) aborda em seu artigo um novo tipo de capacidade de “acessar”, comprometer e adquirir a capacidade de manipular. O autor descreve o que seria o “*hacking cognitivo*”, ou seja, o poder de transformar as pessoas na “ferramenta” que será invadida.

Por exemplo, do ponto de vista da segurança cibernética, “*hacking cognitivo*” é um dos termos associados ao engano e manipulação comportamental, referindo-se ao armamento de informações para induzir

mudanças comportamentais em humanos visados. As vulnerabilidades de segurança cibernética podem ser exploradas para fins de manipulação social. Por exemplo, a rápida disseminação de conteúdo enganoso de uma conta de mídia social hackeada de uma empresa pode levar a mudanças no preço das ações e perdas financeiras, impondo mudanças comportamentais nos humanos que recebem a mensagem. No *hacking* cognitivo, “os humanos se tornam as ferramentas dos invasores”. Nesse contexto, o *hacking* cognitivo teria implicações políticas, sociais e econômicas abrangentes (KIRDEMIR, 2019 p.4).

Outro ponto que Kirdemir argumenta em seu artigo é que a capacidade de influenciar um público amplo é mais difícil do que grupos menores que mantêm certas semelhanças, como formação educacional ou profissional compartilhada, ideologia e outras características. Canais baseados na Web, plataformas populares de mídia social e aplicativos para dispositivos móveis

A desinformação atrai atenção pública sem precedentes. A digitalização atual e a transformação tecnológica alteram a forma como as pessoas consomem informações, percebem o mundo e tomam decisões. Um conjunto diversificado de atores, desde governos estrangeiros a agências terroristas e fraudadores, usa operações de informações mediadas por cibernética para diversos fins, incluindo ganhar influência política ou econômica.

E justamente nesse contexto de desinformação no espaço virtual surge o escândalo Facebook-Cambridge Analytica, A divulgação desse evento reacendeu todo o debate sobre a capacidade de manipulação dentro do ciberespaço.

Cambridge Analytica foi uma empresa de consultoria política privada, sediada no Reino Unido, que utilizava mineração e análise de dados em campanhas eleitorais ao redor do mundo. A companhia se utilizou de um algoritmo com capacidade de formar perfis psicológicos de usuários do Facebook (BBC, 2018). Após a posse dessas informações, milhares de anúncios foram liberados na rede social, sendo esses, específicos para cada um desses perfis, desta forma, a opinião dos usuários era manipulada com a finalidade de que assuntos de interesse e ideias desses indivíduos, se correlaciona com o candidato ou partido contratante do serviço da empresa.

O alcance da influência e suporte da Cambridge Analytica, não se mantinha apenas nos Estados Unidos e Reino Unido. Como parte da investigação do Channel 4, executivos disseram que Cambridge Analytica e sua empresa-mãe *Strategic Communications Laboratories* (SCL) trabalharam em mais de 200 eleições em todo o mundo (BBC, 2018). Essas interferências em eleições em vários países ao redor do mundo, trouxe ao debate político internacional a incógnita se os Estados possuem mecanismos suficientes para a

proteção da democracia, se as medidas legislativas presentes nesses países têm capacidade para tal e se apresentam escopo suficientes para que novos casos como o escândalo Facebook-Cambridge Analytica não consigam interferir no processo democrático.

O terceiro capítulo deste presente trabalho abordará um estudo de caso com mais detalhes sobre o escândalo Facebook-Cambridge Analytica. Todavia, para esse capítulo o principal ponto a ser destacado é o acontecimento em si, ou seja, a amostra real de um evento que conseguiu alterar uma das estruturas bases da democracia, as eleições, usando “apenas” dados de usuários de uma rede social, o que permitiu a possibilidade de manipulação das opiniões dos eleitores.

2.2 AS FERRAMENTAS DIGITAIS DA CAPACIDADE DE MANIPULAÇÃO

O presente artigo já abordou a teoria da capacidade de manipulação através dos atos de falas de Onuf. Em seu texto de 2001, Nicholas Greenwood Onuf mostra como uma pessoa que utiliza do *Speech acts* de maneira intencional possui o poder de manipular os seres humanos e assim construir narrativas que resultem em eventos que sejam de seu interesse.

Mas afinal, quais são as ferramentas que permitiram que o espaço virtual se tornasse o caminho perfeito para algumas pessoas ou grupos, não apenas conseguissem utilizar *Speech acts* para atingirem uma quantidade de pessoas em massa em um curto período de tempo, como também manipulá-las através das redes sociais sem que elas percebessem?

2.2.1 A FERRAMENTA DE GUERRA PSICOLÓGICA DE STEVE BANNON

A divulgação do escândalo Facebook-Cambridge Analytica permitiu que o modus operandi deles também fosse exposto ao público geral. E graças a isso, podemos analisar como de fato acontece essa manipulação dentro do espaço virtual e como isso poderia ser evitado.

Imaginamos o cenário da eleição presidencial do Estados Unidos. O processo eleitoral norte-americano acontece através dos distritos eleitorais dentro dos estados, que elegem delegados representantes que votam no presidente. Há dois grandes partidos que controlam o país, os Republicanos e os Democratas.

Por uma série de contextos históricos e culturais, alguns estados são completamente previsíveis os resultados, no sentido de ter um majoritário apoio a algum partido, casos como o Texas e Alabama com os Republicanos, ou a Califórnia e New York com os democratas.

Porém, há alguns estados em que a população é extremamente dividida e sem um apoio condicional a um desses partidos. Historicamente, tanto os democratas quanto os republicanos travam disputas para convencer a população desses locais a apoiarem eles na corrida presidencial. E se existisse alguma maneira rápida e em massa de descobrir quais são os indivíduos que ainda não se decidiram em quem votar, ou aqueles que ainda podem mudar o seu voto?

Como o artigo dos autores Mateus Fornasier e Cesar Beck (2020) demonstra, o *modus operandi* da ferramenta de controle da Cambridge Analytica se teve primeiramente como um teste de questionário simples, que foi criado para ser utilizado pelos usuários do Facebook. Um indivíduo, por intermédio desta pesquisa, respondia questões simples como “Eu estou sempre preparado” ou “Eu geralmente me sinto cabisbaixo”, em que marcava se essas afirmações eram corretas, erradas ou neutras. A conclusão desses testes indicava qual seria o comportamento das pessoas em frente a vários cenários e hipóteses.

Ao clicar em fazer o teste pelo Facebook, contudo, quase a totalidade dos usuários (aqueles que não leram os termos e condições da pesquisa e a política de privacidade do aplicativo) dava acesso à CA para coletar os seus dados pessoais – a título exemplificativo: idade, cor, religião, altura, região onde o indivíduo reside e trabalha, sua geolocalização, por onde você costuma caminhar, seu passo de caminhada, acesso a todas as suas postagens, fotos e arquivos que foram colocados nessa rede social (FORNASIER; BECK, 2020 p.188).

O resultado do aplicativo utilizado pela Cambridge Analytica para receber esses dados, chamado *thisismydigitallife*¹, deu a ela a permissão para acessar os perfis dos usuários no Facebook. E não só deles, mas também dos amigos. Em média, cada “semeador” – as pessoas que fizeram o teste de personalidade, cerca de 320.000 no total – involuntariamente deu acesso a pelo menos 160 perfis de outras pessoas, nenhuma das quais saberia ou tinha motivos para suspeitar (THE GUARDIAN, 2018).

Naquele momento a Cambridge Analytica possuía os dados de milhões de pessoas no mundo inteiro, e possuía também a capacidade de analisar e traçar os perfis delas. E como isso possibilita a manipulação dessas pessoas? A ferramenta de guerra psicológica de Steve Bannon (ele será melhor explorado no próximo capítulo), nome que ficou conhecido no meio utilizado pela Cambridge Analytica, permitiu que fossem criadas modelos de personalidades de eleitores, e com isso identificar aqueles que ainda não tinham um candidato escolhido ou poderiam mudar de ideia, o que eram conhecidos por “os persuasivos”.

¹ *Thisismydigitallife* foi um teste de personalidade digital, criado por Aleksandr Kogan, um psicólogo e ex-professor acadêmico de Cambridge, que possibilitou a coleta de milhões de dados pessoais de usuários do Facebook.

Através de algoritmos, foi possível analisar o perfil de cada usuário presente no banco de dados da Cambridge Analytica. Com a posse dessas informações, uma inteligência artificial conseguiu identificar padrões de personalidades dessas pessoas, ou seja, através das curtidas, compartilhamentos e seguidores desses perfis foi possível analisar qual seria a intenção de votos das pessoas, e assim identificar “os persuasivos”.

Esses dados e modelos de personalidades de eleitores permitia que aqueles que os possuíssem tivessem o poder de criar conteúdos personalizados para atingir esses indivíduos, e assim fazê-los mudar seus votos manipulando milhões de pessoas e interferindo diretamente em uma eleição.

2.3 O ESTADO E A GUERRA DE INFORMAÇÕES

Um ponto importante que deve ser novamente abordado, a manipulação das pessoas através das disseminações de uma informação, narrativa, notícia e etc. sejam elas verdadeiras ou não, pode ser originada tanto por um Estado quanto por um indivíduo ou um grupo de pessoas. O caso do escândalo Facebook-Cambridge Analytica é um exemplo da capacidade de um grupo de indivíduos, que utilizaram a divulgação em massa de propagandas políticas e *fake news* em redes sociais para manipular um grupo específico de eleitores de diversas nacionalidades, em prol do benefício próprio. Todavia, a manipulação russa em eleições democráticas de outros países (que será aprofundado no capítulo três) é um exemplo de uma interferência por uma nação utilizando esse mesmo meio.

Esse não é um tema novo na política internacional. Em 2004, Sunil Narula escreveu um artigo denominado, *Psychological operations (PSYOPs): A conceptual overview*, em que abordava a tese de que a dimensão psicológica de um conflito é tão importante quanto sua dimensão física, e que as Operações psicológicas (PSYOPs) tornaram-se ainda mais relevantes nesta era da informação, especialmente para um estado-nação onde a ameaça no domínio sociopsicológico é mais pronunciada. Em seu texto Narula traz um contexto histórico passando pela antiguidade até a modernidade, mostrando como grandes povos antigos já utilizavam operações psicológicas em seus conflitos.

Narula, aborda em seu artigo que há algumas confusões na definição do significado de operações psicológicas. Todavia, podem ser definidas de maneira geral como o uso planejado de comunicações para influenciar atitudes e comportamentos humanos, para criar em grupos alvo, comportamentos, emoções e atitudes que apoiem a consecução dos objetivos nacionais. Em seu texto, o autor aborda o quanto houve uma maior aplicação de PSYOPs como uma

ferramenta importante nesta era da informação, o que resultou em um conflito atual denominado Guerra da Informação.

Para contribuir com a tese da Guerra de Informações, Narula (2004) cita o estudo de Joseph Moynihan, pelo *Emirates Center of Strategic Studies and Research*, em que o autor traz uma série de órgãos nacionais estadunidenses que citam esse conflito em documentos publicados pelos mesmos. Desde o ano da publicação do texto de Narula, centenas de outros artigos acadêmicos foram realizados sobre o tema da Guerra de informações. Em 2020, Sérgio Silveira e João Cassino, publicaram um artigo denominado: “Comunicação militarizada: a internet e os novos formatos da guerra”, em que abordam os principais conflitos digitais que ocorrem no âmbito de uma Internet militarizada.

Os autores se propõem a esclarecer as distinções entre Netwar (Guerra em Rede) e Cyberwar (Ciberguerra). Esse é um ponto importante para o presente trabalho, pois se faz necessário ressaltar exatamente a nomenclatura e a definição da capacidade de manipulação de pessoas com a utilização do espaço virtual como forma de propagação dos atos de falas (Guerra em Rede ou Guerra de Informações), para não existir confusão com outros tipos de conflitos na área cibernética. O Cyberwar, ou seja, quando as redes e os sistemas digitais são utilizados militarmente para interromper e/ou destruir sistemas de informação e comunicação inimigos, não é o tema aqui presente.

A Guerra em Rede é utilizada por um país através de propagandas, *fake news*, discursos anti governo, para atingir uma população de outra nação e assim desestabilizar o governo de um país inimigo, atrapalhando e manipulando esse outro estado.

O objetivo de uma inteligência estrangeira que faz uso desse tipo de recurso seria se infiltrar nas redes sociais e criar uma mente de colméia para que seus membros formem um enxame contra um determinado inimigo (geralmente um governo) e, de maneira aparentemente caótica, o levem ao colapso. (SILVEIRA; CASSINO, 2020).

Outra forma de se utilizar esse meio, é a difamação a uma pessoa candidata a um cargo político específico, para que outro político, que tenha visões que sejam mais interessantes ao país realizador do ataque, consiga ganhar as eleições.

A Rússia vem atuando fortemente na exploração desse poder de manipulação através do ciberespaço. A Guerra nas Redes foi uma estratégia utilizada pelos russos para conseguir realizar seus interesses políticos e econômicos no cenário internacional. A capacidade e o

investimento nessa área possibilitou a Rússia interferir na política de seu maior “inimigo”, os Estados Unidos das Américas.

A eleição presidencial de 2016 nos estadunidenses foi completamente acirrada e carregada de polêmicas. A rivalidade entre Hillary Clinton e Donald Trump ultrapassou os limites normais de uma disputa eleitoral. Ela foi marcada por ofensas entre os candidatos e partidos, e principalmente *fake news*. Após algumas denúncias, uma das possíveis explicações para essa eleição “anormal” seria a interferência russa. Segundo um relatório de 25 páginas divulgado pelos serviços de inteligência dos Estados Unidos, Vladimir Putin "encomendou" uma campanha de interferência com a finalidade de influenciar a eleição. O documento não trazia provas concretas, porém dizia que os objetivos da Rússia seriam "minar a fé do povo americano" no processo democrático do país e "denegrir" a imagem da adversária democrata Hillary Clinton, prejudicando sua candidatura ao possível mandato, favorecendo assim a eleição do candidato republicano (BBC BRASIL, 2017).

3 OS PROCESSOS ANTIDEMOCRÁTICOS E O PODER DO ATO DE FALA

O capítulo anterior apresentou como seria possível realizar a manipulação dentro do ciberespaço, e como esse poder possui capacidade de alterar processos e eventos de acordo com o interesse do grupo responsável pela manipulação. A teoria da capacidade dessa manipulação não é nova, como visto anteriormente. Porém, na prática, como se daria no mundo “real” um evento deste tipo? Quais seriam os eventos que poderiam ser interferidos com o poder de fala presente nessa manipulação?

Neste presente capítulo será realizado um estudo de caso sobre o escândalo Facebook-Cambridge Analytica e suas consequências, além de um segundo estudo de caso sobre a *Operation Infection* realizado pelos Soviéticos e o poder que o Estado Russo herdou de sua doutrina.

3.1 ESCÂNDALO FACEBOOK-CAMBRIDGE ANALYTICA

Para entender o caso Cambridge Analytica, se faz necessário a apresentação de algumas pessoas relacionadas diretamente ou indiretamente com o escândalo. A primeira delas é o Professor em *Big Data Analytics* e *Quantitative Social Science* da Universidade de Cambridge, Dr. David Stillwell.

Em 2007, o Dr. Stillwell, enquanto estudante, desenvolveu vários aplicativos para o Facebook, um dos quais, um questionário de personalidade chamado myPersonality, tornou-se viral. Os usuários foram pontuados em “cinco grandes” traços de personalidade – Abertura, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo – e, em troca, 40% deles consentiram em dar acesso a seus perfis no Facebook (THE GUARDIAN, 2018). Mesmo que inconscientemente, esses aplicativos desenvolvidos pelo Dr. Stillwell foram os pioneiros e aqueles que tornaram possíveis, não apenas a capacidade de captura em massa de dados de usuários do Facebook, mas a criação de perfis das personalidades das pessoas.

No começo da década passada, estudos do próprio Dr. Stillwell e de outros acadêmicos da área, como o Dr. Michal Kosinski, sobre esse tema estava cada vez mais em alta. A capacidade de criação de padrões de comportamentos e preferências dos usuários do Facebook, utilizando apenas a coleta dos dados deles nessa rede social, trouxe o interesse de diversas pessoas e órgãos estatais. Dentre essas pessoas interessadas no assunto, estava uma peça fundamental para que o caso Cambridge Analytica fosse possível, Christopher Wylie.

Christopher Wylie, é o cientista de dados canadenses que trabalhou na Cambridge Analytica, mas, em 2014, renunciou àquela instituição. Mais tarde, ele se tornou um denunciante, expondo o papel da empresa na campanha presidencial do presidente Trump e no Brexit. Como descreve em sua entrevista para a *National Public Radio* dos Estados Unidos. (NPR, 2019).

Fui recrutado para fazer parte de uma equipe de pesquisa do grupo SCL que, na época, era um empreiteiro militar britânico com sede em Londres. A maioria de seus clientes eram vários ministérios da defesa nos países da OTAN. E o que estávamos analisando era como usar dados online para identificar pessoas que provavelmente seriam alvos de diferentes grupos extremistas. E a partir disso, tente entender e descompactar: como uma mensagem ideológica bastante extrema se espalharia por diferentes tipos de redes sociais? E o que poderíamos fazer para mitigar sua eficácia? (NPR, 2019).

Wylie, primeiramente tinha como objetivo utilizar o seu conhecimento do assunto para ajudar a alavancar o Lib Dems, um partido político britânico formado pela fusão do Partido Liberal e do Partido Social Democrata. O cientista de dados, queria que a utilização das informações obtidas em estudos acadêmicos, como o Dr. Stillwell e do Dr. Kosinski, seria para o crescimento da popularidade do partido, com a possibilidade de identificar novos possíveis eleitores. Porém, os membros do partido não se interessaram pelas ideias de Wylie. Ele descreveu essa sua ideia para o *The Guardian*, em sua entrevista “*I made Steve Bannon’s psychological warfare tool’: meet the data war whistleblower*”:

E então me deparei com um artigo sobre como os traços de personalidade podem ser precursores do comportamento político, e de repente fez sentido. O liberalismo está correlacionado com alta abertura e baixa consciência, e quando você pensa em Lib Dems, eles são professores distraídos e hippies. Eles são os primeiros a adotar... eles são altamente abertos a novas ideias. E isso simplesmente clicou de repente. (THE GUARDIAN, 2018).

Nessas conversas com a Lib Dem, uma das conexões dentro do partido apresentou Wylie a uma empresa chamada *Strategic Communications Laboratorie* (SCL Group), a empresa mãe da SCL Elections, que viria a se tornar a Cambridge Analytica. Aqui é importante apresentar uma outra figura fundamental para o caso Cambridge Analytica, Alexander Nix, então CEO da SCL Elections. Foi ele o responsável por trazer Wylie para trabalhar como diretor de pesquisa em todo o grupo SCL. foi fundado por Niegel Oakes, que distinguiu a abordagem científica da empresa da velha propaganda política simples em uma linguagem que soava, bem, muito como propaganda. Após os ataques de 11 de setembro de

2001, a SCL se renomeou como uma empresa de comunicações para um mundo perigoso, alegando que seu grupo de pesquisa interno (THE NEW YORKER, 2018).

O grupo SCL possuía um braço de defesa que foi contratado pelo Ministério da Defesa do Reino Unido e pelo Departamento de Defesa dos EUA, entre outros. Sua especialidade era em “operações psicológicas” – ou psyops – mudando a mente das pessoas não por persuasão, mas por “dominância informacional”, um conjunto de técnicas que inclui boatos, desinformação e notícias falsas (THE GUARDIAN, 2018).

O SCL Elections já havia usado um conjunto semelhante de ferramentas, em mais de 200 eleições em todo o mundo, principalmente em democracias subdesenvolvidas que Wylie perceberia que não estavam equipadas para se defender (THE GUARDIAN, 2018). Porém, é com a entrada de Steve Bannon no grupo que a empresa muda de direção. Bannon foi estrategista-chefe da Casa Branca e conselheiro sênior do Presidente, durante o mandato de Donald Trump nos Estados Unidos.

Em 2013, quando Wylie conheceu Steve Bannon, ele era editor-chefe do Breitbart, um site de notícias e opiniões de extrema direita estadunidense, que começou suas atividades na Grã-Bretanha para apoiar a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit. (THE GUARDIAN, 2018). Segundo Wylie, foi Bannon que entendeu que a ferramenta criada pela CA poderia ser utilizada para a manipulação dos eleitores, norte-americanos e britânicos, na eleição de candidatos de extrema direita apoiados por ele, além de campanhas favoráveis em pautas conservadoras, como o Brexit.

[Bannon] entendeu imediatamente. Ele acredita em toda a doutrina de Andrew Breitbart de que a política está a jusante da cultura, então para mudar a política você precisa mudar a cultura. E as tendências da moda são um proxy útil para isso. Ele havia sido exposto recentemente a uma nova disciplina: “operações de informação”, que se equipara a terra, mar, ar e espaço na doutrina militar dos EUA do “espaço de batalha de cinco dimensões”. Seu briefing abrangeu todo o Grupo SCL – o governo britânico pagou ao SCL para conduzir operações de contra-extremismo no Oriente Médio, e o Departamento de Defesa dos EUA o contratou para trabalhar no Afeganistão (THE GUARDIAN, 2018).

A crença de Bannon sobre a ligação da política com a cultura, e como uma “manipulação cultural” resultaria diretamente na manipulação política dos alvos, é facilmente correlacionada com as próprias ideias de Onuf, e a sua teoria do Speech acts. O cenário criado por Bannon na SCL, é uma clara utilização do ato de fala como uma ferramenta de estratégia de manipulação de indivíduos, com objetivos específicos.

Por ordem de Bannon, Wylie, elaborou um plano para colher os perfis de Facebook de milhões de pessoas nos EUA e usar suas informações privadas e pessoais para criar perfis psicológicos e políticos sofisticados. E, em seguida, direcione-os com anúncios políticos projetados para trabalhar em sua composição psicológica específica (THE GUARDIAN, 2018). O resultado dessa coleta foram 87 milhões de perfis do Facebook no banco de dados da Cambridge Analytica, pronto para serem usados de acordo com os interesses de Steve Bannon. As eleições estadunidenses se tornaram um verdadeiro “campo de guerra” no espaço virtual e em algumas ocasiões fora dele também.

Toda essa coleta de dados foi realizada com o auxílio de Aleksandr Kogan, um psicólogo e pesquisador que desenvolveu o teste de personalidade digital "*thisisyourdigitallife*", responsável pela coleta de dados pessoais no Facebook transmitidos para a Cambridge Analytica. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Como a reportagem da NPR descreve, esses resultados foram misturados com pesquisas, registros de eleitores e atividades online para criar modelos de personalidade para os eleitores. “A Cambridge Analytica pode não ter falado com você”, disse Alexander Nix em gravações de câmeras escondidas durante uma reunião, divulgada e realizadas pelo Channel 4, mas "se eu falar com um número suficiente de pessoas que se parecem com você, em termos dos dados que elas têm, eu seria capaz de quantificar sua personalidade com base na discussão que tive com outras pessoas" (NPR, 2018).

A Cambridge Analytica não apenas conseguiu coletar os dados e criar perfis de personalidades, ela dividiu e polarizou grupos nos estados dos EUA, da mesma forma como fez no Reino Unido com o Brexit. Para auxiliar a polarização artificial, não foram poupados esforços para criação de *fake news* e ataques focados em figuras políticas ou que possuíam alguma relevância em um setor estratégico para a eleição, como jornalistas, ativistas em outros (FORNASIER; BECK, 2020). Um dos meios escolhidos estrategicamente para essa divisão, com narrativas falsas, propagandas de ódio e *fake news* em geral, foi o aumento do conflito entre a população branca e negra. O objetivo era aumentar a separação, principalmente nos EUA que já possui um alto nível, entre essas pessoas, e conquistar os votos da população branca, maioria dos americanos:

A CA buscava disseminar um sentimento de ódio e polarização entre brancos e negros, pois nesses estados centrais – ao mesmo tempo – postava propagandas com imagens e hashtags de #WhiteLivesMatter (Vidas Brancas Importam) ou #AllLivesMatter (Todas as Vidas Importam) (FORNASIER; BECK, 2020, p.189).

No dia 17 de março de 2018 três grandes organizações de periódicos e jornais do mundo – The Observer, The Guardian e The New York Times – publicaram em conjunto, simultaneamente, o artigo intitulado: como os consultores de Trump exploraram os dados do Facebook de milhões (FORNASIER; BECK, 2020). Este artigo não foi o primeiro a ser publicado acerca da manipulação da Cambridge Analytica sobre as eleições ao redor do mundo, porém foi com esta publicação que se atingiu a grande massa da população e, assim, tornou o caso mundialmente conhecido.

A denúncia foi feita primeiramente pelo jornalista Harry Davies, em dezembro de 2015, para o jornal inglês The Guardian. Davies noticiou que a Cambridge Analytica tinha adquirido milhões de dados pessoais de dentro do Facebook de forma não consensual. Esses dados foram para a então campanha presidencial estadunidense de 2016 do republicano Ted Cruz, que acabou sendo derrotado por Trump. (FORNASIER; BECK, 2020).

Em 2016, os jornalistas Hannes Grasseger e Mikael Krogerus, do jornal suíço Das Magazin, continuaram seu trabalho investigativo. Sua pesquisa foi traduzida e republicada pela Vice Magazine em 30 de janeiro de 2017. O Guardian continuou sua investigação jornalística com a proeminente jornalista Carole Cadwalladr e o jornal online independente The Intercept de fevereiro de 2017 a março do mesmo ano. Em 7 de maio de 2017, Cadwalladr se juntou ao The Guardian em um artigo com um título provocativo para o The Observer: *The Great Brexit Heist: How Our Democracy Was Hijacked, Using Anonymous Sources* (FORNASIER; BECK, 2020).

Christopher Wylie foi fundamental para que a divulgação do escândalo se tornasse de relevância pública mundial. Graças às informações denunciadas por ele, as investigações se tornaram ainda maiores e principalmente de conhecimento público, o que acabou pressionando os principais órgãos estatais responsáveis por essa área a abrirem uma investigação. Após a divulgação do escândalo, com a forte pressão judicial e da opinião popular, no dia 18 de maio de 2018, a Cambridge Analytica, juntamente com a sua empresa mãe SCL, entrou com o seu pedido de falência na em Nova York, decretando assim o fim das suas operações tanto nos EUA quanto no Reino Unido.

Como resposta ao caso, o fundador e presidente do Facebook, Mark Zuckerberg, foi convocado a depor em audiências tanto no Senado como na Câmara dos deputados dos Estados Unidos. Ele teve de explicar como o Facebook reagiu ao vazamento de dados de 87 milhões de pessoas pela consultoria política Cambridge Analytica e se comprometer a reformar toda a segurança de manipulação de dados dentro da rede social (G1, 2018)

O Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido conduziu uma investigação de 18 meses sobre *Fake News* e desinformação, e em seu relatório final declarou que as leis eleitorais britânicas eram vulneráveis a interferências de atores estrangeiros e inadequadas para o seu propósito (THE GUARDIAN, 2019). O então presidente do departamento, e responsável pela condução da investigação do escândalo Facebook-Cambridge Analytica, Damian Collins, declarou que: “A democracia está em risco com o redirecionamento malicioso e implacável de cidadãos com desinformação e 'anúncios obscuros' personalizados de fontes não identificáveis, veiculados nas principais plataformas de mídia social que usamos todos os dias” (THE GUARDIAN, 2019).

Após um ano da divulgação do escândalo da Cambridge Analytica, o Facebook foi condenado pelo Federal Trade Commission (FTC) a pagar US\$ 5 bilhões pela utilização indevida de 87 milhões de usuários da rede social. De acordo com a decisão, o Facebook falhou em proteger os dados de usuários de empresas terceirizadas, além de permitir que esses dados fossem obtidos sem qualquer autorização das vítimas. O FTC emitiu um comunicado explicando a sanção:

A ordem impõe um regime privado que inclui uma nova estrutura de governança corporativa, com prestações de conta individuais e corporativas com monitoramento de conformidade mais rigoroso. Esta abordagem aumenta consideravelmente a probabilidade de o Facebook estar em conformidade com a ordem. Se houver algum desvio, provavelmente será detectado e remediado de forma rápida”. (CANALTECH,2019)

Todo o caso do escândalo Facebook-Cambridge Analytica, pode ser analisado sob a perspectiva de poder de Nye Jr (2012), na qual ele descreve que a característica relacional do poder gera três aspectos, chamados de faces e demonstrados pelo quadro abaixo:

Quadro 2.1 – Três aspectos do poder nacional

PRIMEIRA FACE: A usa ameaças ou recompensas para mudar o comportamento de B contra as preferências e estratégias iniciais deste. B sabe disso e sente o efeito do poder de A.

SEGUNDA FACE: A controla a agenda das ações de uma maneira que limita as escolhas de estratégias de B. B pode ou não saber disso e estar consciente do poder de A.

TERCEIRA FACE: A ajuda a criar e moldar as crenças, percepções e preferências básicas de B. É improvável que B tenha consciência disso ou entenda o efeito do poder de A.

Fonte: Nye Jr (2012, p. 36)

Como o Professor Portela descreve em seu texto, essas faces demonstram que o poder também é perceptível, ou seja, o seu uso depende da imagem que ele projeta sobre os demais atores. Essa capacidade de projeção é o que permite a dissuasão. (PORTELA, 2015). A existência de poder está ligado diretamente à presença de um outro ator, em que seja possível essa projeção.

A manipulação realizada pela CA nas eleições se encaixa perfeitamente na terceira face descrita por Nye. Através das narrativas, discursos, fake news e etc. (*speech acts*), realizados pela empresa, as crenças, percepções e preferências básicas das pessoas eram moldadas de acordo com o interesse de Bannon e da própria Cambridge Analytica. Logo, o poder sobre outros atores, nesse caso indivíduos (os usuários do Facebook que foram vítimas dessa manipulação), está relacionado a característica de poder que Nye (2012) descreve em sua obra.

3.2 OPERATION INFEKTION E A HERANÇA DA DOUTRINA SOVIÉTICA

A Segunda Guerra Mundial mudou o mundo de todas as formas possíveis, desde as “cicatrizes” deixadas pelos genocídios realizados durante o conflito, a incerteza de como seria o futuro, principalmente após a bomba nuclear e a ascensão das duas grandes nações que comandariam as próximas décadas.

A Guerra Fria foi um conflito não diretamente bélico entre as duas principais potências da época, Estados Unidos das Américas e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), pelo motivo dos arsenais nucleares que essas nações possuíam e o risco do que uma batalha entre elas poderia causar. Portanto, os países utilizaram outros métodos e maneiras para garantir a sua vitória sobre a outra. Desde uma batalha aeroespacial para colocar o primeiro homem na lua, a financiar guerras em países de terceiro mundo garantindo o controle deles aos seus aliados na época, tudo garantiria a vitória do seu país.

Uma das principais batalhas da Guerra Fria foi protagonizada pelas Agências de Serviços Secretos desses países, de um lado a *Central Intelligence Agency* (CIA) dos Estados Unidos, e do outro *Komitet Gosudarstveno Bezopasnost* (KGB) dos Soviéticos. Espionagem, sequestros, assassinatos e etc. tornaram-se constantes meios utilizados pelas duas agências, tudo realizado com o objetivo do triunfo sobre o inimigo. Porém, foram os soviéticos, através da KGB, que perceberem um excelente método de conseguirem ganhar poder sobre os

americanos, a implementação estruturada de narrativas falsas com o objetivo de manipular e influenciar, os primórdios da *fake News* atual.

No início da década de 80, uma “nova” doença vinha assustando o mundo, principalmente os estadunidenses. Essa doença fazia homens jovens e saudáveis apresentavam sintomas geralmente encontrados apenas em pessoas com sistema imunológico extremamente comprometido. Em 83, a doença adquiriu seu nome moderno: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids). Em janeiro daquele ano, pesquisadores do Instituto Pasteur isolaram um retrovírus matador de células T de um paciente com Aids, e Robert Gallo mostrou ainda que esse vírus, chamado HIV, poderia levar à Aids (THE GUARDIAN, 2017). A grande repercussão da Aids na época, resultou em pânico, medo e descontentamento dentro dos Estados Unidos, e, foi uma oportunidade perfeita para a KGB colocar em prática todas as técnicas aprendidas nos anos anteriores da Guerra, o que ficou conhecido como a *Operation Infektion*.

A Operação Infecção se tem início em 1983 com a implementação de uma matéria em um jornal indiano, que trazia uma carta anônima de um “conhecido cientista americano”, que afirmava que a Aids teria sido desenvolvida pelos americanos em um laboratório secreto de armas biológicas, com o objetivo de matar pessoas gays e afrodescendentes. Dois anos depois, o biofísico aposentado Dr. Jakob Segal construiu um relatório que afirmava que o vírus da Aids foi sintetizado pela combinação de partes de outros retrovírus: VISNA e HTLV-1:

Apesar de ser alemão oriental, Segal foi apresentado como um pesquisador francês para esconder qualquer filiação comunista. O relatório teve o efeito desejado – em 1987 já havia recebido cobertura em mais de 80 países e 30 idiomas, principalmente em publicações de esquerda. (THE GUARDIAN, 2017).

A estratégia para a implementação dessa notícia segue um padrão bem estabelecido, a divulgação da matéria, como dito anteriormente, se deu em um país fora da URSS, o que despistava qualquer suspeita. A KGB esperou a informação se espalhar com o tempo, para reviver ela dois anos depois em um jornal Soviético, que citava como fonte a matéria indiana, aproveitando para fazer uma divulgação em massa dessa história dentro do país.

Para explicar como a Aids se tornou tão prevalente na África, a Rádio Moscou afirmou que um projeto de vacinação no Zaire era de fato uma tentativa deliberada de infectar africanos inicialmente, pelo menos, a Operação Infektion havia sido um sucesso – não apenas concentrou os

protestos nos EUA, como também desviou a atenção do desenvolvimento de armas químicas e biológicas russas. (THE GUARDIAN, 2017).

No momento em que esse tipo de informação falsa se estabelece, mesmo sendo uma narrativa completamente absurda e obviamente fora da realidade, a grande crescente dos rumores sobre ela, trazem uma desconfiança da “narrativa oficial”, o que torna a tarefa de desmentir a notícia falsa extremamente difícil, o que acaba alimentando o negacionismo, e a URSS sabia disso. A KGB conseguiu através da sua paciência e estratégia ao longo prazo, que uma publicação de uma matéria implantada por eles em um simples jornal indiano, se tornasse um assunto mundial, sendo divulgado inclusive pelas maiores mídias dos Estados Unidos, tornando assim um sucesso a Operação Infecção.

O objetivo dos soviéticos com a Operação Infecção era bem claro, desinformar para manipular e assim dividir. Como Yuri Bezmenov, ex-agente da KGB que atuou durante a Guerra Fria, descreve em sua entrevista: “(O objetivo) ...Mudar a percepção de realidade de cada americano em tal dimensão que, apesar da abundância de informação, ninguém é capaz de checar as conclusões sensíveis a defesa, de si mesmo, de suas famílias, de sua comunidade e de seu país”. Ou seja, o objetivo com a desinformação era “dividir” ao máximo o ocidente, principalmente colocar a população norte-americana uns contra os outros.

A Operação Infecção chega ao seu fim somente quando, após vários relatórios de denúncias sobre ela, o próprio Mikhail Gorbachov, ex-secretário geral do partido comunista e ex-presidente da União Soviética, cedeu às pressões e assumiu a responsabilidade sobre a notícia falsa, pedindo desculpas.

Enquanto o governo Gorbachev tentou inviabilizar as tentativas americanas de expor a desinformação, eles finalmente entenderam o escopo do problema e, em 1987, a Operação Infektion foi oficialmente repudiada. Foi somente em 1992 que o diretor do Serviço de Inteligência Estrangeira (SVR), Yevgeny Primakov, admitiu que a KGB havia instigado e perpetuado o mito. erradicá-lo inteiramente, e os mitos plantados pela Operação Infecção não foram exceção. (THE GUARDIAN, 2017).

Mesmo que no final a operação foi descoberta e revelada publicamente, ela conseguiu cumprir o seu papel. O objetivo da desinformação transcende a “narrativa oficial”, tendo norte-americanos que mantiveram a ideia da matéria como verdade, ou pelo menos parte dela.

Nos EUA, os afetados predominantemente eram homossexuais e negros, grupos há muito discriminados. É compreensível que a ideia de que a Aids seja uma forma de genocídio possa ressoar entre eles, especialmente dada a

reticência da Casa Branca em combater a doença. Um estudo de 2005 publicado no *Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes* mostrou que 50% dos afro-americanos pesquisados acreditavam que a Aids é um vírus artificial; 15% também achavam que era uma forma de genocídio contra os negros. (THE GUARDIAN, 2017).

Em sua obra, Onuf (2001) descreve como as pessoas tendem a aceitar sugestões de outros agentes com certa facilidade. De acordo com ele, muitas vezes os agentes manipuladores não precisam necessariamente esconder suas intenções, pois as pessoas tendem a possuírem uma certa aceitação dessas intervenções, caso elas estejam de acordo com os padrões já seguidos pelos mesmos.

Muitas vezes, não queremos manter outros agentes no escuro sobre nossas intenções. Em vez disso, queremos que os outros nos mantenham em padrões de conduta que aceitamos para nós mesmos, declarando nossas intenções. Acolhemos a força normativa das intenções declaradas e declaramos essas intenções de maneira a reforçar seus efeitos normativos. Declaramos nossas intenções; vamos tão longe a ponto de fazer promessas sobre nossas intenções. Paradoxalmente, essas declarações de política são tão familiares que tendemos a tomá-las como certas quando nos distanciamos o suficiente de qualquer mundo de agentes e intenções para observá-lo de perto. (ONUF, 2001, p. 116).

Ainda que no primeiro momento o sigilo e a confidencialidade fosse necessário para o andamento do progresso da operação, quando a narrativa (speech acts) foi implementada, mesmo após a descoberta e divulgação da manipulação, a *fake news* se mantém presente e acreditada por parte da sociedade, pois essas narrativas estão dentro dos padrões e crenças já estabelecidas pelos indivíduos, o que torna extremamente fácil a absorção desses speech acts por parte deles.

Se faz necessário o entendimento da *Operation Infektion* para compreendermos as diversas denúncias de envolvimento Russo em manipulações em vários países, realizadas através de principalmente desinformações. O aparato de desinformação da KGB, se tornou herança, após o fim da União Soviética, a qual os Russos absorveram muito bem. Vladimir Putin, um então jovem agente da KGB na época da Guerra Fria, tornou-se o principal líder da Rússia, e consigo trouxe a doutrina soviética da desinformação. Todavia, durante esse período surgiu uma nova ferramenta que permitiu os Russos a modernizarem e ampliarem o aparato deixado pelos Soviéticos, a internet.

3.3 PIZZAGATE O SUCESSOR DA OPERATION INFEKTION?

A eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos foi marcada por uma gigantesca polarização, o que dividiu grande parte da população norte-americana. Outra marca da eleição foi as massivas campanhas de *fake news* divulgadas através das redes sociais, que se tornaram peça fundamental das campanhas. Dentre as maiores narrativas falsas divulgadas na época da eleição, a “*pizzagate*” talvez seja a de maior destaque.

Em um curto período de tempo, um falso boato de que a candidata democrata Hillary Clinton e seus principais assessores estavam envolvidos em um esquema de tráfico de crianças e pedofilia, que seriam realizados em uma pizzaria de Washington. (THE NEW YORK TIMES, 2016).

De acordo com o New York Times, esse boato começou com a divulgação de e-mails hackeados da conta de John Podesta, presidente da campanha de Hillary Clinton, pelo WikiLeaks, uma organização que publica, postagens, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas sobre assuntos polêmicos.

Usuários de mídia social em um popular fórum do Reddit dedicado a Donald J. Trump e o quadro de mensagens de extrema direita do 4chan pesquisaram os comunicados em busca de evidências de irregularidades. Um participante do 4chan conectou a frase “pizza de queijo” a pedófilos, que em fóruns de bate-papo usam as iniciais “cp” para denotar pornografia infantil. Após o uso de “pizza”, os teóricos se concentraram na pizzaria Comet Ping Pong, em Washington. (THE NEW YORK TIMES, 2016)..

A teoria logo se tornou viral alcançado os assuntos mais comentados nas maiores redes sociais através da #PizzaGate. O que começou como um “meme” se tornou uma campanha de difamação à candidata, e alcançou uma relevância massiva, “tornando-se verdade” para alguns.

Em 4 de dezembro, Edgar M. Welch, um jovem de 28 anos da Carolina do Norte, chegou ao Comet com um rifle e um revólver. Ele disparou o fuzil dentro da pizzaria, não ferindo ninguém, e se rendeu depois de não encontrar evidências para apoiar as alegações de crianças escravas sendo mantidas lá. (THE NEW YORK TIMES, 2016). O que começou como uma teoria da conspiração, quase acabou em uma tragédia.

O caso *pizzagate* tomou proporções ainda maiores que as citadas anteriormente. O ataque ao Comitê Nacional Democrata (DNC), que resultou no acesso aos e-mails de John Podesta aconteceu meses antes da divulgação deles pelo WikiLeaks. O Hacker que se

autodenomina Guccifer 2.0 assumiu a responsabilidade pelo ataque, e evidências técnicas sugerem que ele possui ligações com a Rússia. (BBC, 2016). De acordo com a BBC, essas evidências se baseiam em três pontos principais:

- A análise detalhada do ataque ao DNC pela empresa de segurança americana CrowdStrike sugere que a organização foi realmente penetrada duas vezes - ambas por grupos de hackers, apelidados de Cozy Bear e Fancy Bear, conhecidos por terem ligações com o estado russo. Esses grupos penetraram com sucesso em organizações federais dos EUA em outros ataques de hackers.
- O exame forense de metadados em cópias de documentos distribuídos pelo Guccifer 2.0 sugere que eles foram editados em uma máquina configurada para um usuário de idioma russo.
- Informações técnicas, incluindo endereços IP extraídos de mensagens enviadas pelo Guccifer 2.0 a jornalistas, mostram um link para o *cyber-underground* russo. Embora muitas das conversas tenham sido encaminhadas por uma empresa francesa de VPN. No passado, parte da mesma infraestrutura era usada para enviar spam de lixo eletrônico em nome de grupos criminosos russos.

De acordo com uma versão desclassificada de um relatório apresentado ao presidente Obama, e ao então presidente eleito Donald Trump, divulgado pelas agência de inteligência dos Estados Unidos em 2016, Guccifer 2.0 foi usado pela GRU (General Staff Main Intelligence Directorate), a agência de inteligência Russa, para liberar os dados hackeados do DNC para meios de comunicação específicos, como o WikiLeaks. (BBC, 2016).

Um ponto importante para ser ressaltado aqui, é que após ser entrevistado, Guccifer 2.0 negou trabalhar com a Rússia, e se autodeclarou um hacker romeno independente, não possuindo relações com o GRU. Mesmo os relatórios e as evidências apresentadas pelas agências americanas dizendo o oposto.

A herança da doutrina da desinformação soviética pelos russos, as semelhanças entre os casos Operação Infecção e *pizzagate* são no mínimo intrigantes. Os dois casos são exemplos de criações de narrativas falsas, utilizadas para dividir as pessoas, tornando alguém inimigo, sendo no primeiro caso o então presidente Ronald Reagan, e no segundo a candidata Hillary Clinton, coincidentemente dois críticos aos soviéticos/russos.

A maneira como nos dois casos foram utilizados terceiros para a divulgação da desinformação, a implementação de uma notícia na Índia pelos soviéticos, e o vazamento de informações para especificamente o WikiLeaks, que também possui relações com a Rússia, torna ainda mais semelhantes os casos.

Todavia, existe uma diferenciação entre a metodologia utilizadas nos casos. Se na Operação Infecção foram utilizados dois anos para o amadurecimento da narrativa falsa, até que a mídia soviética colocasse essa pauta em massa, no segundo caso o tempo foi

consideravelmente menor. Uma das razões para isso pode ser justamente aquela nova ferramenta citada anteriormente como possível fonte de modernização e ampliação do aparato de desinformação da KGB, a internet.

Como já abordado neste trabalho, Nye Jr. (2012) descreve a característica relacional do poder e seus três aspectos. Porém, o seu texto traz um detalhamento ainda maior quando ele trata esse tema especificamente no domínio cibernético, como o quadro abaixo demonstra:

Quadro 2.2 - As três faces do poder no domínio cibernético

PRIMEIRA FACE

(A induz B a fazer o que B inicialmente não faria)

Duro: ataques de negação de serviços, inserção de malwares, interrupções de sistema Scala, prisões de *bloggers*

Brando: campanha de informação para mudar as preferências iniciais dos *hackers*, recrutamento de membros de organizações terroristas.

SEGUNDA FACE

(A impede a escolha de B excluindo as estratégias de B)

Duro: *Firewalls*, filtros e pressão sobre as companhias para excluir algumas ideias.

Brando: automonitoramento de ISPs e *sites* de busca, regras do ICANN sobre os nomes de domínios padrões de *software* amplamente aceitos.

TERCEIRA FACE:

(A molda a preferência de B para que algumas estratégias sejam nunca consideradas)

Duro: ameaças a punir *bloggers* que disseminam material censurado.

Brando: informações para criar preferências (como estimulação do nacionalismo e *hackers* patrióticos), desenvolvimento de normas de repulsas (como o caso de pornografia infantil)

Fonte: Nye Jr. (2012, p.171)

A Terceira Face é onde a *Operation Infektion* e o caso *Pizzagate* se enquadram, pois, nos dois casos, A (Rússia) molda a preferência de B (estadunidenses), de uma maneira extremamente difícil de ser identificada. Nos dois eventos, existe uma manipulação, através de *speech acts*, para que haja uma estimulação de certas crenças, narrativas e ideias nos americanos, que resultem em eventos favoráveis aos Russos.

Um ponto importante que deve ser ainda mais aprofundado é a não utilização da estratégia “dura” nesses casos, ou seja, algo como ameaçar ou punir *bloggers* que disseminam material censurado, esse não é objetivo. No caso *Pizzagate*, pode-se pensar como o oposto disso, ao invés de tentar silenciar um *blogger*, os Russos se utilizaram de um vazamento de dados realizado por Guccifer 2.0, para que um *site* famoso por divulgar informações secretas de Estados e políticos, ampliasse a disseminação desses dados. Além

disso, aqui, é possível analisar ainda mais profundamente como esse poder é realizado de forma branda, com o objetivo de dificultar ao máximo a identificação dessa estratégia, de maneira que os Estados Unidos não consiga articular uma defesa adequada a esse ataque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia trabalhou como o *speech acts* está sendo utilizado, dentro da terceira camada, especificamente no ciberespaço, por atores estatais e não estatais como uma estratégia de manipulação de populações. A presença dessas influências do ato de fala no espaço virtual, possibilitou a projeção de poder desses atores sobre as pessoas, de uma maneira não perceptível, o que torna essa estratégia ainda mais perigosa.

Os casos aqui apresentados, o escândalo Facebook-Cambridge Analytica e a *Operation Infektion* e o *Pizzagate* são exemplos de eventos de manipulação de informações e narrativas falsas, que foram reveladas e divulgadas ao público. Como o estudo da *Operation Infektion* demonstra, a utilização dessa estratégia não pode ser considerada nova. Todavia, o espaço virtual trouxe uma revolução da informação, como Nye (2002) descreve, ou seja, milhões de notícias, dados, narrativas, histórias e etc. são diariamente criadas, renovadas e compartilhadas em massas dentro do ciberespaço. Portanto, é previsivelmente lógico imaginar que novos casos de manipulações através de atos de falas continuaram a existir, como as próprias *fake news*.

Assim, pode-se concluir que a uma grande urgência de um debate sobre a criação de mecanismos que consigam impedir, ou pelo menos minimizar, os danos causados por essas manipulações de informações. É importante ressaltar que essas ferramentas devem ser criadas de maneira a atuarem de forma preventiva e em tempo real, ou seja, elas teriam que ter a capacidade de conseguir prevenir as pessoas a não serem propícias a acreditarem nas narrativas e notícias falsas, criadas com o objetivo de manipular. Além disso, essas ferramentas também teriam que atuar como uma espécie de *fact-checking* em tempo real, isto é, algo em que as pessoas poderiam fazer uma verificação rápida se aquela notícia ou narrativa é verdadeira.

Por fim, é importante ressaltar que dada a complexidade e sua constante mutação, o espaço virtual é uma área muito complicada de se ter um controle, principalmente em países com regimes democráticos. A liberdade de expressão ocasionada pela democracia e a própria liberdade que o ciberespaço trouxe às pessoas, quando combinadas, torna a criação e implementação das ferramentas citadas anteriormente ainda mais difícil de existirem. Ainda nos dias de hoje, não existe um consenso político e social de como esses mecanismos seriam criados, e principalmente quem seria o responsável pela sua criação e gestão, já que os próprios Estados e políticos utilizam essa estratégia de manipulação, como os próprios estudos de casos debatidos nesta monografia exemplificam.

REFERÊNCIAS

- AISCH, Gregor; HUANG, Jon; KANG, Cecilia. Dissecting the #PizzaGate Conspiracy Theories. **THE NEW YORK TIMES**, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2016/12/10/business/media/pizzagate.html>. Acesso em: 19 maio 2022.
- CADWALLADR, Carole. Cambridge Analytica a year on: 'a lesson in institutional failure'. **THE GUARDIAN**, 17 mar. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk-news/2019/mar/17/cambridge-analytica-year-on-lesson-in-institutional-failure-christopher-wylie>. Acesso em: 19 maio 2022.
- _____. 'I made Steve Bannon's psychological warfare tool': meet the data war whistleblower'. **The Guardian**, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/data-war-whistleblower-christopher-wylie-facebook-nix-bannon-trump>. Acesso em: 19 maio 2022.
- CAMBRIDGE Analytica: The data firm's global influence. **BBC**, 22 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-43476762>. Acesso em: 19 maio 2022.
- CARVALHO, Alexandre de Sousa; SANTOS, Sofia José. A Internet como Espaço Económico e de Segurança. **Espaços económicos e espaços de segurança**, p. 693-726, 2017.
- CHOUCRI, Nazli. Introduction: CyberPolitics in international relations. **Political Science Review /Revue internationale de science politique**, vol.21, n. 3, p. 243-263, 2000
- CONVERSATIONS with a hacker: What Guccifer 2.0 told me. **BBC**, 14 jan. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-38610402>. Acesso em: 19 maio 2022.
- FACEBOOK scandal 'hit 87 million users'. **BBC**, 04 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em: 19 maio 2022.
- FORNASIER, Mateus De Oliveira; BECK, Cesar. CAMBRIDGE ANALYTICA: Escândalo, Legado e Possíveis Futuros para a Democracia. **Revista Direito em Debate**, v. 29, n. 53, p. 182-195, 2020.

GRIMES, David. Russian fake news is not new: Soviet Aids propaganda cost countless lives. **THE GUARDIAN**, 14 jun. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/blog/2017/jun/14/russian-fake-news-is-not-new-soviet-aids-propaganda-cost-countless-lives>. Acesso em: 19 maio 2022.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S.; NYE, Joseph S. Poder e interdependência, p. 264, 1988

KIRDEMIR, Baris. **HOSTILE INFLUENCE AND EMERGING COGNITIVE THREATS IN CYBERSPACE**. Centre for Economics and Foreign Policy Studies, 2019. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/resrep21052>. Acesso em: 19 maio 2022.

KNIGHT, Sam. Life Inside S.C.L., Cambridge Analytica's Parent Company. **THE NEW YORKER**, 26 mar. 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/letter-from-the-uk/life-inside-scl-cambridge-analyticas-parent-company>. Acesso em: 19 maio 2022.

MARINUCCI, Raquel Boing. Relações Internacionais e Mídia. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 6, n. 1, 2008.

NARULA, Sunil. Psychological operations (PSYOPs): A conceptual overview. **Strategic Analysis**, v. 28, n. 1, p. 177-192, 2004.

NYE JR., Joseph S. **O paradoxo do poder americano**: Por que a superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____, **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

ONUF, Nicholas. Constructivism: a user's manual. **International relations in a constructed world**, v. 59, p. 58-78, 1998.

_____. **Making sense, making worlds: Constructivism in social theory and international relations**. Routledge, 2013.

POR QUE os serviços de inteligência dos EUA acham que a Rússia interferiu na eleição de Trump. BBC, 7 jan. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38525951>. Acesso em: 19 maio 2022.

PORTELA, Lucas Soares. **Movimentos centrais e subjacentes no espaço cibernético do século XXI**. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares, ECEME, 2015). Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu; CASSINO, João Francisco. Comunicação militarizada: a internet e os novos formatos da guerra. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 11-20, 2020

SIMÕES, Helton. Em depoimento de 5 horas ao Senado americano, Mark Zuckerberg admite erros do Facebook. **G1**, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/mark-zuckerberg-depoe-ao-senado-sobre-u-so-de-dados-pelo-facebook.ghhtml>. Acesso em: 19 maio 2022.

SMOUTS, Marie Claude. **A mutação de uma disciplina**. SMOUTS, Marie Claude (Org.) As Novas Relações Internacionais. Brasília: UNB, 2004. p. 11- 28

‘SOU bode expiatório’, diz criador do app usado para obter dados no Facebook. **FOLHA DE SÃO PAULO**, 21 mar. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/sou-bode-expiatorio-diz-criador-do-app-usado-para-obter-dados-no-facebook.shtml>. Acesso em: 19 maio 2022.

UK PARLIAMENT. Disinformation and ‘fake news’: Final Report published, 2019. Disponível em: <https://old.parliament.uk/business/committees/committees-a-z/commons-select/digital-culture-media-and-sport-committee/news/fake-news-report-published-17-19/>. Acesso em: 19 de maio 2022.

WAKKA, Wagner. Facebook é condenado a pagar US\$ 5 bilhões por caso Cambridge Analytica. **Canaltech**, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-e-condenado-a-pagar-us-5-bilhoes-por-caso-cambridge-analytica-144841/>. Acesso em: 19 maio 2022.

WENDZEL, Robert L. **Relações Internacionais: o enfoque do formulador de políticas**. Tradução de João de Oliveira Dantas, Julio Galvez e Pantaleão Soares de Barros. Brasília: Universidade de Brasília, 1985

WESTCOTT, Nicholas. **Digital Diplomacy: The Impact of the Internet on International Relations**. OII Working Paper, n. 16, 2008.

WHAT Did Cambridge Analytica Do During The 2016 Election?. **NPR**, 20 mar. 2018.

Disponível em:

<https://www.npr.org/2018/03/20/595338116/what-did-cambridge-analytica-do-during-the-2016-election>. Acesso em: 19 maio 2022

WHISTLEBLOWER Explains How Cambridge Analytica Helped Fuel U.S. 'Insurgency'.

NPR, 8 out. 2019. Disponível em:

<https://www.npr.org/2019/10/08/768216311/whistleblower-explains-how-cambridge-analytica-helped-fuel-u-s-insurgency>. Acesso em: 19 maio 2022.